



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

**15 a 18
outubro
2019**

RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: “EU NÃO SOU PRETO, SOU BRANCO ESCURO”

Luana Pedreira Lavinsky
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil
Endereço eletrônico: luanalavinsky@gmail.com

Edmacy Quirina de Souza
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil
Endereço eletrônico: macy.souza@hotmail.com

Reginaldo Santos Pereira
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil
Endereço eletrônico: reginaldousesb@gmail.com

INTRODUÇÃO

O presente trabalho se trata de um estudo qualitativo que visa analisar o modo de subjetivação que as crianças passam ao estarem no processo de escolarização, salientando as dificuldades que as escolas e famílias têm de fugir do estigma do branqueamento, com os objetivos de averiguais se os trabalhos pedagógicos desenvolvidos na educação infantil atendem as questões étnicas e raciais, buscando entender se o racismo e preconceito estão sendo reforçados; analisar como o marcador racial é manifestado nas interações sociais das crianças, a partir de brincadeiras e atividades; identificar a classificação racial que pais e mães têm sobre si e seus filhos e filhas; e analisar os discursos produzidos pelos pais, mães e professores diante da questão racial. Por se tratar de um tema de extrema relevância, nos move discutir sobre as crianças e a diferença étnico-racial nas creches e pré-escolas e como as experiências a partir do marcador racial são constituídas nas instituições familiares e escolares.

Este estudo pretende apontar e problematizar o racismo e a discriminação presentes nas instituições de pesquisas. Grande parte das vezes, vivemos e encontramos realidades onde a discriminação existe de forma viva, onde a criança vive uma subjetivação que vê e absorve sua identidade a partir do que dizem ser o certo, ou seja, a cultura do branqueamento ainda vive nítida e é perpetuada na sociedade.

DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO



Nossa história é marcada pela eliminação física ou simbólica daquilo que é definido como diferente, mas somos nós que construímos nosso próprio conceito do que é belo, o que é gênero, o que é infância, o que é raça, entre outros. Tudo que foge da ideia de “raça pura” e hegemônica difundida pela sociedade e a mídia, reforçam o estigma que trazemos há anos, difundindo ainda mais a discriminação ao que é diferente, os naturalizando.

Silva (2005, p.87) nos diz que “a diferença é sempre uma relação: não se pode ser diferente de forma absoluta; é-se diferente relativamente a alguma outra coisa, considerada precisamente como ‘não-diferente’ ”, e no que tange às relações de poder, o diferente/ não-diferente se manifesta, produz ou reproduz onde um é visto como positivo e o outro como negativo, conseqüentemente. A visão de que a cultura branca é superior, tem contribuído para a propagação de estereótipos de superioridade e inferioridade de culturas e raças, naturalizando a cultura negra como algo sem valor ou fora de contexto para apreciação.

A formação da identidade das crianças se configura nas relações sociais, e com a identidade negra não seria diferente. A interação com adultos, ou até mesmo com crianças do seu círculo de convivência, ela irá certamente encontrar definições subjetivas que cada um constrói em suas próprias relações sociais, e a partir disso, constroem sua autoimagem, podendo esta ser positiva ou não.

Esses sujeitos, donos de suas subjetividades, constroem sua identidade então a partir dessas relações. No entanto, as crianças negras podem viver diversas situações que as possibilitem desenvolver uma autoimagem negativa (OLIVEIRA E ABRAMOWICZ, 2010) seja ela na escola, no ambiente familiar, ou em algum outro tipo de convívio social. Situações estas que não precisam apenas da fala ou gesto para ser interiorizada, pois muitos são caracterizadas apenas pelo silêncio ou o que não se diz.

A escola é um modelo hegemônico estético, racial, cultural e da infância, então era certamente seria parte desse processo de construção da identidade da criança. Podemos perceber que existe uma identidade que se torna dominante em detrimento de outras no espaço escolar, e foi tomada como referência para a construção de outras identidades denominadas como subordinadas. Essas questões raciais muitas vezes são manifestadas de forma implícita ou de forma reprodutora de estereótipos.



Considerando as informações aqui mencionadas, esta pesquisa busca se pautar numa proposta que possibilite problematizar e entender os marcadores raciais e étnicos na infância, durante o processo de construção da identidade, orientados pela dada problemática: como os contextos da educação infantil e familiar contribuem para a afirmação identitária da criança negra e qual a relação das crianças negras e brancas com suas/seus professoras/es, pais e mães? Investir e nos debruçar em estudos que sejam direcionados aos Estudos Culturais e de relações saber/poder e de produções discursivas, significa desconstruir nossos saberes e fazeres, nossos conhecimentos apropriados, nossas práticas pedagógicas e principalmente nossa visão do que é superior e inferior, buscando prezar o valor de todas as culturas, sem desprezar alguma em detrimento da outra.

METODOLOGIA

Esta pesquisa irá se utilizar da abordagem qualitativa, que requer, sem dúvidas, uma discussão teórico-epistemológica, e partirá de Estudos Culturais sobre a temática proposta, visando a articulação da *práxis* política engajadas com as lutas das comunidades destituídas social e economicamente, das culturas negadas, dos grupos subjugados, do outro “diferente”.

No que tange a pesquisa qualitativa, Vidich e Lyman (2006, p. 50) nos dizem que “o processo de coleta de dados nunca pode ser descrito em sua totalidade porque essas ‘histórias de campo’ são, por si só, parte de um processo social em andamento que na sua experiência dia a dia, minuto a minuto, desafia a recapitulação”.

Esta pesquisa possui como objeto de análise as práticas pedagógicas das professoras e professores que atuam na educação infantil, nos atentando ao desenvolvimento ou não de atividades que abordem a questão racial. Também se pretende analisar, através desta pesquisa, os discursos produzidos pelos pais e mães sobre as classificações que eles têm de si e seus filhos e filhas, e analisaremos as interações sociais das crianças nas brincadeiras e atividades desenvolvidas pelas escolas, observando como as crianças reagem às diferenças raciais. O lócus de pesquisa será na Educação Infantil, primeira etapa da Educação Básica, em Itapetinga-BA. Serão escolhidas duas instituições para fazer parte desta pesquisa: uma creche (instituição que atende crianças de 0 a 3 anos de idade) e uma pré-escola (instituição que atende crianças de 4 a 5 anos de idade). Os



instrumentos de coleta de dados serão a observação e a entrevista. O registro da observação será acompanhado de anotações e reflexões em um diário de campo, que segundo Macedo (2010, p.134):

Além de ser utilizado como instrumento reflexivo para o pesquisador, o gênero diário é, em geral, utilizado como forma de conhecer o vivido dos atores pesquisados, quando a problemática da pesquisa aponta para a apreensão dos significados que os atores sociais dão à situação vivida. O diário é um dispositivo na investigação, pelo seu caráter subjetivo, intimista.

Estas anotações serão de percepções, atividades desenvolvidas em sala de aula, comentários das crianças, professores e professoras no cotidiano escolar sobre a questão racial, ou seja, situações significativas para o desenrolar da pesquisa. Sobre a participação das crianças, elas não serão impostas e serão solicitadas aos pais autorização para a coleta das falas das crianças, porém essas falas não serão coletadas por meio de entrevistas, serão apenas observadas se elas falam ou discutem sobre alguma demonstração clara e/ou velada de racismo. Elas serão observadas durante os momentos das brincadeiras, atentando a situações que envolvam a diversidade racial. Será observado se as crianças negras se sentem excluídas dos momentos das brincadeiras, se há exclusão por parte das crianças consideradas como brancas pela sociedade. A entrevista será semiestruturada, sendo utilizadas gravações em áudio e posteriormente escritas na íntegra, e se dará como coleta de dados com os pais e mães das crianças e os professores, no intuito de coletar as classificações raciais, destacando quais seus pensamentos e sentimentos sobre as relações étnico-raciais no seu cotidiano.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa está em processo de levantamento bibliográfico, portanto, ainda não foram catalogados os resultados. Numa sociedade onde a hegemonia branca ainda impera, nos move problematizar essas questões no âmbito escolar. Esta pesquisa nos move a lutar pela valorização das culturas “esquecidas” e preza pelo valor da construção da própria identidade. Identidade esta que não deve ser negada ou muito menos subjugada, deve ser encorajada e enaltecida.



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

**15 a 18
outubro
2019**

PALAVRAS-CHAVE: Relações Étnico-raciais; Formação de Identidade; Educação Infantil.

REFERÊNCIAS

MACEDO, Roberto Sidnei. **Etnopesquisa crítica, etnopesquisa e formação**. 2. ed. Brasília: Líber Livro, 2010.

OLIVEIRA, Fabiana e ABRAMOWICZ, Anete. **Infância, raça e “paparicação”**. Educação em Revista. V. 26, n. 02, ago. 2010, p. 209-226.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

VIDICH, Arthur J.; LYMAN, Stanford M. Métodos qualitativos: sua história na Sociologia e na Antropologia. In: DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna. **Planejamento de pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto alegre: Artmed, 2006, p. 49-90.

DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO